

CADERNOS AZUIS

OS HOMENS E AS IDÉIAS

---

ANTÓNIO RAMOS DE ALMEIDA

ANTERO  
DE QUENTAL

INFÂNCIA E JUVENTUDE

I

Livraria **LATINA** EDITORA

RUA DE SANTA CATARINA, 2 A 10—PORTO



Oferta dos editores

# CADERNOS AZUIS

COLEÇÃO DE CULTURA VIVA

DIRECÇÃO DE MANUEL DE AZEVEDO

---

## VOLUMES PUBLICADOS

- 1 — **O Cinema em Marcha**, ensaio — de Manuel de Azevedo (esgotado).
- 2 — **A Arte e a Vida**, conferência — de António Ramos de Almeida (esgotado).
- 3 — **Aurora e Crepúsculo de uma Idade**, ensaio — de Júlio Filipe (esgotado).
- 4 — **Nasceu um Maltez!**, contos — de Jorge Vitor.
- 5 e 6 — **Antero de Quental, infância e juventude** — de António Ramos de Almeida (2 vols.)

## A PUBLICAR

- 7 — **A Poesia da Moderníssima Geração**, ensaio — de João Pedro de Andrade.
  - 8 — **O Sonho de Makar**, conto de Korolenko. — (Tradução de António Brochado).
- 

ASSINATURAS:

**2 números-6 escudos**

(PAGAMENTO ADIANTADO)

**Dos números esgotados far-se-ão a seu tempo novas edições.**

Para assinar os «**CADERNOS AZUIS**» basta o envio de um postal à **LIVRARIA LATINA EDITORA**, R. Santa Catarina, 2 a 10—Pôrto.



**ANTERO DE QUENTAL**  
**INFÂNCIA E JUVENTUDE**

I

## OBRAS DO AUTOR

---

### PUBLICADAS

SINAL DE ALARME — *Poemas*, Coimbra, 1938.

SINFONIA DA GUERRA — *Poema*, Edições «Sol Nascente»,  
Pôrto, 1939.

A TEORIA PURA DO DIREITO DE HANS KELSEN — *Dis-  
sertação de licenciatura em ciências jurídicas*. Suplemento ao  
volume XV do «Boletim da Faculdade de Direito de Coimbra».

A ARTE E A VIDA — *Conferência*, «Cadernos Azuis», Pôrto, 1941.

### A PUBLICAR

ANTERO DE QUENTAL — *Apogeu e morte*.

SANGUE — *Contribuição para o «Novo Cancioneiro»*.

VÉSPERA — *Novela*.

CADERNOS AZUIS  
OS HOMENS E AS IDÉIAS

---

ANTÓNIO RAMOS DE ALMEIDA

ANTERO DE QUENTAL  
INFÂNCIA E JUVENTUDE

I



DE VERBO AD VERBUM

LIVRARIA LATINA EDITORA  
RUA DE SANTA CATARINA, 2 A 10—PÓRTO



---

Executado nas Oficinas Gráficas  
da Sociedade de Papelaria, Lda.  
Rua da Boavista, 321—Pôrto, 1943.



## AO LEITOR

*O que vais ler neste trabalho, e em outro que se lhe vai seguir, não é mais uma tese sôbre Antero de Quental, nem tão pouco a sua biografia.*

*Não é uma tese porque fugi a criar em tórno do grande poeta dos «Sonetos» mais uma teoria mistificadora. Não é uma biografia porque abandonei tôda a parte inconseqüente, meramente circunstancial e privada da vida de Antero que pudesse conduzir ao elogio do seu caso pessoal. Se não quis fazer de Antero uma teoria, também não quis transformá-lo num ídolo.*

*Pretendi dar o seu vulto no todo da sua complexidade, através da sua evolução de homem responsável, de escritor e de artista.*

*Pretendi interpretá-lo na totalidade das suas qualidades é dos seus defeitos, vendo-o à luz do condicionamento humano e social em que viveu nos fins do século passado.*

*Pretendi revelar os vícios e as virtudes da sua acção e a projecção da sua obra e da sua figura, sem subterfúgios, sem sectarismo idealista, sem «parti-pris» subjectivista, sem pretensão de originalidade, isto é, sem o negar ou adulterar, sem o reduzir ou idolatrar.*

*Pretendi revelar-te um Antero inteiro, não o fragmentando nem o aproveitando para servir qualquer outro interêsse que não fôsse evocá-lo a todos nós.*

*Se o consegui, tu o dirás, leitor.*

*Aqui e ali encontrarás talvez ficção literária, sobretudo na reconstituição dos ambientes; a lenda de mãos dadas com a realidade e, de onde a onde, encontrarás também interpretações de trechos literários que te parecerão ousados e discutíveis — não nos devemos eleger a nós próprios infalíveis ou geniais. Mas tudo obedeceu ao critério de te oferecer a figura integral de Antero de Quental, não através de mais uma teorização metafísica e arbitrária, ou arranjando-lhe uma biografia de super-homem — tão em moda, hoje em dia — mas apenas realizando a evocação da vida, da obra e da figura de um homem que nasceu há cem anos em Portugal e que, infelizmente para todos nós e para a sua memória, continua mais vivo do que muitos que ainda não morreram.*

ANTÓNIO RAMOS DE ALMEIDA



## A P Á T R I A

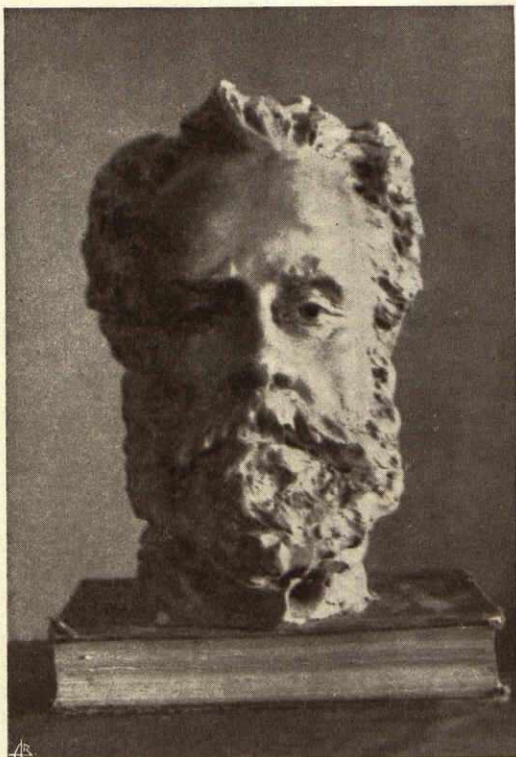
«Eu por mim nunca me pude conformar com a idéia de entrepor as vastas solidões do Oceano entre mim e a terra que me viu nascer.

.....

Na pátria tudo nos ama, tudo nos ri; conhecemos o amigo que nos aperta a mão; amamos o beijo da mãe que nos acarícia; a natureza sempre bela e sempre nova é para nós como uma amiga vélha em quem depositamos tôda a confiança; tudo tem recordações — aqui a vélha árvore, onde tôdas as tardes uma mãe boa e carinhosa se vinha sentar rodeada de seus filhinhos, e apontando para o Sol moribundo nas orlas do horisonte, e meio mergulhado no oceano, lhes dizia de amar Deus e aos homens . . .»

(«A Pátria», fragmento dum livro, publicado in O PHÓSPHORO, n.º 5 Coimbra, 1861; pág. 91 do 1.º vol. das «Prosas»)





ANTERO DE QUENTAL

*Busto de Abel Salazar (médito)*

Fêz cem anos que nasceu Antero. Foi em Ponta Delgada, no dia 18 de Abril de 1842. Êsse dia, recuado um século, encoberto por cem anos de vida, seria impossível descobri-lo, torná-lo diferente dos outros dias, se nêle não tivesse nascido um homem que se chamou Antero Tarquínio de Quental, que foi com o decorrer da sua vida o grande agitador do seu país, a personalidade mais evidente do seu tempo e que deixou para a literatura nacional uma obra fecunda e duradoira. Nesse dia, era apenas uma criança loira, choramingando ao lado da sua mãe parturiente; era mais um homem que nascia; era mais um habitante daquela ilha perdida no meio do Atlântico.

O nascer em S. Miguel, cercado de mar por todos os lados, pouca importância teria se Antero não tivesse passado aí os primeiros anos da sua vida, aquêles que ficam cheios de magia e de sortilégio na vida de qualquer homem, como pano de fundo duma consciência, como ambiente primeiro que perdura e se desdobra através de tudo. Eis porque Antero nos momentos mais difíceis, quando se refugiava da intensidade da sua luta, procurava sempre um abrigo junto do mar, isto é, ou voltava à sua ilha, ou ia até à Figueira ou até Vila do Conde. O mar foi, para o espírito pouco contemplativo e



anti-plástico de Antero, o seu motivo físico mais frisante, o único elemento paisagístico da sua poesia hierática e lívida. O mar é a sua paisagem essencial, tinha para êle uma grandeza maior do que a sua própria grandiosidade física; a sua profundidade estava para lá da sua profundidade oceânica. Era junto do mar que êle sentia tôda a grandeza e tôda a pequenez da sua estatura humana, todos os limites da sua aventura idealista, que viveu animada por tôdas as fôrças do seu século:

Junto do mar, que erguia gravemente  
A trágica voz rouca, enquanto o vento  
Passava como um vôo dum pensamento  
Que busca e hesita, inquieto e intermitente,

Junto do mar sentei-me tristemente,  
Olhando o céu pesado e nevoento  
Interroguei, cismando, êsse lamento  
Que saía das cousas, vagamente...

Que inquieto desejo vos tortura,  
Seres elementares, fôrça obscura?  
Em volta de que idéia gravitais? —

Mas na imensa extensão, onde se esconde  
O inconsciente imortal, só me responde  
Um bramido, um queixume, e nada mais...

Eis o que diz um dos seus últimos sonetos, onde o mar é um símile da própria humanidade, uma interrogação viva para o seu racionalismo, uma dúvida permanente para as suas vagas certezas de idealista que já tinha nessa altura atravessado tôdas as fases de angústia



intelectual e procurado através das mais variadas experiências metafísicas uma solução perene, ideal e eterna para os dramas do homem. No fim da sua vida o mar continuava a ser a sua paisagem de infância, guardando dentro d'êlé os mesmos mistérios, as mesmas dúvidas e os mesmos segredos de outrora.

Foi junto do mar, mais, foi cercado de mar, que Antero viveu os primeiros anos da sua vida, a sua meninice, a sua adolescência, os únicos anos quietos da sua vida agitada, convulsa, aventureira e épica. Os seus primeiros sonos foram embalados pelo mar, que rosnava longe, ora uivando como uma fera, ora balbuciando docemente uma oração de criança. Quantas vezes o pequeno Antero não ficava diante d'êlé sem dizer nada, olhando-o calado, ouvindo «aquela voz rouca» que êlé às vezes compreendia a pontos de conversar com ela e outras vezes não entendia, quasi não ouvia sequer. As suas primeiras dúvidas vieram d'êlé ou foram íntimas com êlé, todo o mistério se concentrava nêlé e quando sentia dentro de si uma voz oculta que perguntava, ia para a beira da praia, escondia-se atrás dum penedo, e olhava o mar. O mar ficou ressoando dentro d'êlé como num búzio.

Mas muito mais do que a paisagem da sua ilha, muito mais do que o mar, muito mais do que o meio físico que o cercou nos anos da sua infância e da sua adolescência, influenciou-o a classe social em que nasceu e a educação que recebeu — a-pesar-de todos os seus esforços, não só especulativos, mas até activos e sentimentais, que fêz para delas se libertar.

Antero era descendente duma família aristocrática, a sua meninice foi de fidalgo. Não dum fidalgo da metrô-

pole, mas de um fidalgo de um meio social muito mais limitado, que era o da sua ilha de S. Miguel. A sua mãe, depois de lhe ensinar as primeiras palavras, ensinou-o a rezar: isto teve mais importância do que a voz natural do mar, do que a paisagem isolada e triste da sua ilha. A sua mãe disse ingenuamente que Deus era o criador do mar, da ilha e dum mundo muito maior, dum Mundo que estava para lá do mar; o criador de tudo, da noite e das estrêlas. Antes de saber mais nada foi isto que Antero soube, foi tudo o que primeiramente lhe ensinaram, aquilo que êle primeiramente aprendeu. A sua mãe disse-lhe que Deus era a primeira certeza, sem Deus nada mais poderia existir. E Deus não era uma coisa abstracta, vaga, indecisa. Deus era Jesus Cristo. Nascera homem por milagre, aquecido pelo bafo dos animais numa cabana perto de Belém, no momento em que um cometa rasgava a noite para o anunciar. Cresceu trabalhando junto de S. José que o tinha levado para o Egito, quando o tirano Herodes o queria matar. Depois prégou aos homens. Bondade, Igualdade, Caridade foram as suas grandes palavras. Prégou aos mais humildes, aos pescadores, que foram os seus apóstolos, com quem viveu ensinando uma vida de renúncia a todos os bens e grandezas da Terra, livre de tôdas as tentações e de todo o egoísmo dos homens. Ressuscitou Lázaro, perdoou a Madalena, multiplicou os pães e expulsou os vendilhões do templo. Tinha vindo à Terra para salvar a Humanidade, oferecendo-lhe a sua vida humana. Os homens mataram-no, crucificaram-no entre dois ladrões no alto do Calvário, mas êle ressuscitou e subiu aos Céus ao terceiro dia.



Era assim que Jesus Cristo surgia na sua consciência de criança, figura lendária que lentamente o foi dominando. Homem e Deus, herói e mártir, sentia por êle uma atracção que o vencía, que o esmagava. Adorava aquela figura que estava pregada na cruz, esqualida e redentora, que morreu sem uma palavra de revolta, ressuscitou ao terceiro dia e estava em vida dentro e fora dêle. Nascia todos os anos no dia de Natal, no seu presépio de criança; morria na Semana Santa quando a sua mãe andava carregada de luto; ressuscitava no dia de Páscoa, que quasi sempre era um domingo luminoso de Primavera; estava sempre presente na cabeceira da sua cama, no terço que rezava tôdas as noites em côro com as pessoas da casa, na via-sacra da capela onde o seu martírio se repetia em todos os passos, na medalha que a sua mãe lhe pusera ao pescoço, naquele dia em que comungou pela primeira vez e que todos disseram ser o dia mais feliz da sua vida. Nos dias de temporal, quando o vento uivava na ilha, quando o Céu se abria em relâmpagos, as mulheres refugiavam-se no oratório, pediam a Deus, ao Cristo de marfim que estava crucificado para redimir os homens, a Santa Bárbara para que junto dêle interviesse, e depois de uma ou duas horas de prece a tempestade ia lentamente serenando e Antero só ouvia a voz das mulheres rezando pelos corredores e o mar bramindo longe com a lenga-lenga das orações. Deus tinha acabado por atender.

Mais do que o mar, Deus ficou no fundo da consciência daquele menino que mais tarde seria o mais gigantesco lutador de todos os mitos do estabelecido. É que não foi só a sua mãe que lhe mostrou com a evi-



dência das suas palavras e dos seus carinhos, com os quais não se pode discutir, a existência dêsse Deus omnipotente, onnisciente, justo e verdadeiro, princípio e fim de tôda a vida, mas também tôdas as pessoas da sua casa, os seus parentes e os seus criados. Tudo o que acontecia era porque Deus queria que tivesse acontecido ou estivesse acontecendo. Havia felizes e desgraçados, pobres e ricos, porque era assim a vontade de Deus; os pobres teriam a compensação no outro Mundo, onde o Céu estava à sua espera, um Céu enorme, sem fim nem princípio, onde era mais difícil entrar um rico do que um camelo pelo fundo de uma agulha. Só no Céu o homem poderia encontrar a felicidade a que aspirara na terra, onde tudo é fugidio como a ilusão, falso como a utopia, vão como a tentação.

Os parentes mais velhos falavam de seu antepassado Simão de Novais, que tinha sido o fundador do convento da praia da Ilha Terceira, e, sobretudo, do Padre Bartolomeu de Quental, que foi o fundador da Congregação do Oratório em Portugal e escritor místico com talento suficiente para influenciar a imaginação ardente do futuro poeta, que deixava os primeiros anos da sua infância saturado por uma educação religiosa absorvente e imperiosa.

Depois de ter estudado as primeiras letras no seio da própria família, já sabendo nessa altura o catecismo de cór, profundamente influenciado pelo simbolismo do Novo e do Velho Testamento, Antero vai para o colégio do Pórtico, fundado por Castilho, freqüentar os seus primeiros estudos clássicos, que continuariam a sua educação católica.

Encontra-se perfeitamente ao ler a «Harpa do Crente» de Alexandre Herculano, livro que o impressiona duma maneira esmagadora durante algum tempo. A sua atenção volta-se para alguns escritores místicos e atinge durante os anos da sua adolescência a crise aguda do seu religiosismo católico, pretendendo até abraçar a vida eclesiástica.





## «A ENCANTADA E QUÁSI FANTÁSTICA COIMBRA»

---

«Varrida num instante tôda a minha educação católica e tradicional, caí num estado de dúvida e incerteza, tanto mais pungente quanto, espírito naturalmente religioso, tinha nascido para crer plácidamente e obedecer sem esforço a uma regra reconhecida. Achei-me sem direcção, estado terrível de espírito partilhado mais ou menos por quási todos da minha geração, a primeira em Portugal que saíu decididamente e conscientemente da velha estrada da tradição. Se a isto se juntar a imaginação ardente com que em excesso me dotara a natureza, o acordar das paixões amorosas próprias da primeira mocidade, a turbulência e a petulância, os fogachos e os abatimentos de um temperamento meridional, muita boa fé e boa vontade, mas muita falta de paciência e método, ficará feito o quadro das qualidades e defeitos, com que aos 18 anos penetrei no grande mundo do pensamento e da poesia».

(Da carta autobiográfica a Wilhelm Storck)



No ano de 1858, Antero vem para o continente terminar os seus estudos preparatórios para depois se matricular na Universidade de Coimbra, onde começa a frequentar o curso de direito. Coimbra já vivia na sua imaginação; desde adolescente que a vida universitária coimbrã, lendária e aventureira, tinha atraído a sua curiosidade, sobretudo desde que pôs de parte a idéa de seguir a vida eclesiástica. Êste facto, no entanto, em nada tinha abalado a consciência católica de Antero. Quando chegou a Coimbra, continuava ainda entregue à fé religiosa, que a sua educação católica, continuada pelos seus estudos no Colégio do Pórtico, lhe tinha imposto de maneira decisiva e esmagadora.

A velha cidade universitária recebeu-o como a tantos outros. Lá estava a beleza do Choupal e do Penedo da Saúde; lá estava a velha Universidade com a cabra badalando para mandar recolher os caloiros; lá estava a maravilha românica da Sé Velha, desenhando a sua silhueta negra nas noites de luar, quando os estudantes, embuçados nas suas capas, andavam como duendes ao som das guitarradas e do fado. Tudo isso existia na Coimbra da sua imaginação, tudo isso Antero foi encontrar na Coimbra da sua realidade, que naquele tempo era — ainda mais do que hoje o é — uma cidade medieval



em pleno século XIX. A princípio a paisagem emoliente e sedutora dos arredores da cidade, chama-o para largos e silenciosos passeios. O Mondego exerce sobre êle um estranho poder de sedução, o rio de Camões surge também nas suas primeiras composições poéticas, como se fôsse um espelho da sua própria alma :

Lindas águas do Mondego,  
 Por cima olivais do Monte !  
 Quando as águas vão crescidas  
 Ninguém passa além da ponte !

.....

Mas dize tu, ó Mondego,  
 Pois todos levam seu fado,  
 Tu que foges e eu que fico,  
 Qual de nós vai mais pesado ?

Tu ao som dos teus salgueiros  
 Levas as tuas areias...  
 Eu, ao som dos meus desgostos,  
 Levo estas negras idéias...

Mas Antero não era um homem que se contentasse com o aspecto paisagístico da realidade, não era um contemplativo que se embriagasse com as formas mais exteriores das coisas, que se distraísse sobre as superficiais frivolidades daquele ambiente lírico e saudável, que envolvia a cidade. Mas lá também encontrou a mocidade boémia e despreocupada que a lenda tecia de aventuras,

aventuras que eram noitadas, ceias, serenatas, rixas com futricas e os amores românticos das tricanas. Encontrou-a nos Gerais da Universidade recebendo em altos berros os novatos daquele ano; encontrou-a nos bilhares da Sofia, nas tascas da Alta comento bacalhau cozido em ceias regadas a vinho verde, que chegava do Norte em pipos de cinco almudes, bebidos numa noite; encontrou-a no Teatro Académico representando pantomimas. Havia de tudo: os ursos que viviam dobrados sôbre as sebatas e que acabavam lentes; os boémios que tanto tempo lá andavam que acabavam bachareis, adquirindo o título por prescrição ou à fôrça de cunhas; os poetas que faziam versos à Lua e às tricanas; os que já se dedicavam a salvar o país, lembrando em metáforas pomposas as glórias passadas dos descobrimentos e das conquistas, dizendo que a Pátria era um acto contínuo de heroísmo até à alta traição do liberalismo e que Portugal devia recuar três ou quatro séculos para recuperar o ritmo da sua história gloriosa; os brigões que rachavam a cabeça aos futricas por dá cá aquela palha ou se distraíam em conflitos contínuos com a polícia; os ricaços que moravam para os lados do Calhabé, tinham criado preto ou escudeiro, faziam recitais de arte na «república» e bacanaís com raparigas vindas de Lisboa ou espanholas que passavam pelo Príncipe D. Luiz; os guitarristas que faziam gemer as banzas nas ruas estreitinhas da Alta, à espera que uma virgem tremendo de cio viesse espreitar através das cortinas para ouvir as quadras do novo poeta açoreano, que falavam dum amor romântico e impossível:



Guitarra, minha guitarra,  
Quem te havia de estalar?!  
Bem se acaba uma cantiga...  
O amor não quer acabar!

.....  
Dorme tu, que eu velo, amor!  
Não sei quem me pôs no leito  
Espinhos sob o meu corpo  
Desgostos dentro do peito...

Inda que eu fôsse uma estrêla  
Por êsse espaço a correr,  
Sempre e sempre, anos e anos  
Nunca te havia de ver.

Inda que fôsses um astro  
E eu por ti a suspirar  
Sempre, sempre anos e anos  
Nunca me havias de amar!

Lindas noites de luar  
Vou sentar-me à tua porta  
Como um pai se senta imóvel  
Na campa da filha morta.

Vou morrer, mas não desejo  
Campa nobre alevantada.  
Cavem minha sepultura  
No seio da minha amada.



Havia portanto de tudo naquela cidade medieval a abarrotar de mocidade. A maioria era filha de aristocratas, descendentes das melhores e mais cotadas famílias do reino, quer essa família tivesse conselheiros, titulares ou simples catedráticos de S. Bento, quer algumas herdades no Alentejo ou propriedades na Beira Baixa. Lá um ou outro era filho dum burguês mais abastado da Rua das Flores, lá um ou outro era filho de um aristocrata do liberalismo, general, letrado ou magistrado que se tivesse distinguido na luta contra o miguelismo; raríssimos descendiam de alguma família de lavradores ricos do Minho ou de Trás-os-Montes. Eram na sua totalidade, portanto, filhos de aristocratas e dos burgueses mais representativos do tempo. Recebiam a mesada no princípio do mês, gastavam-na na pândega até ao dia dez e depois ficavam vinte dias à espera que outra mesada chegasse. Nos últimos meses, quando os actos se aproximavam, decoravam as sebatas e, até lá, viviam entregues a uma vida despreocupada, alegre e folgazã. A princípio, Antero aderiu à vida académica inconseqüente e boémia, chegando a ser suspenso da Universidade por andar de noite embuçado e de moca, fazendo trupes para tesoirar os cabelos aos caloiros. Mas bem depressa essa mocidade surgiu também fútil e paisagística aos olhos daquele rapaz sensível, humano e inteligente. De entre todos os seus companheiros apenas um mereceu desde logo a sua admiração incondicional: João de Deus. Êsse, ao menos, escrevia admiráveis poemas líricos. E foi João de Deus o seu primeiro mestre, aquêle que está presente nas suas «Primaveras Românticas». A divinização do amor, que transbordava da poesia de João de Deus, ia de

encontro à sua timidez amorosa. Antero foi um tímido do amor, o seu ideal amoroso residia fóra do amor físico, era qualquer coisa tão sublime que se tornava irrealizável, porque realizá-lo seria macular a sua própria sublimidade.

Porque irrompe no azul do puro amor  
O sôpro do desejo pestilente ?

Diz Antero muito mais tarde, numa estrofe dos «Vencidos», onde o amor físico é o sôpro do desejo pestilente maculando um amor ideal e abstracto, o azul do puro amor, isto é, o amor que não se realiza ou que só se realiza para lá da sua consumação física, longe do amplexo sexual, fóra da sua natureza humana :

No Céu, ó Virgem ! findarão meus males :  
Hei-de lá renascer, eu que pareço  
Aqui só ter nascido para dores !

Ali, ó lírio dos celestes vales !  
Tendo seu fim terão o seu começo  
Para não mais findar, nossos amores.

A realização do amor está fóra da terra, é qualquer coisa de celeste, de divino, de metafísico. O objecto amado é para êle tão sublime, tão belo e tão perfeito que se não podia macular com o amplexo ou o encontro do amor. As suas amadas transcendem a mulher, são simbólicas como no poema «Beatrice» ou são uma subli-



mação como nos poemas que dedica à actriz Gabriela Florentina. Há na mulher que Antero ama qualquer coisa que não é físico, uma beleza que não é do corpo, uma fôrma que transcende tôdas as fôrmas femininas, mesmo as mais belas e as mais perfectas:

Aquela que eu adoro, não é feita  
Dos lírios nem de rosas purpurinas  
Não tem as formas lânguidas, divinas  
Da antiga Venus de cintura estreita...

Não é a Circe, cuja mão suspeita,  
Compõe filtros mortais entre ruínas,  
Nem a Amazona que se agarra às crinas  
Dum corcel e combate satisfeita...

A mim mesmo pergunto, e não atino  
Com o nome que dê a essa visão,  
Que ora amostra ora esconde o meu destino...

É como uma miragem, que entrevejo,  
Ideal, que nasceu na solidão,  
Nuvem, sonho implacável do desejo.

A mulher é uma construção ideal, que brota da sua solidão de religioso e de intelectual e se transforma em mais um mito metafísico, embora êle se pretenda realizar amando, embora êle aspire abandonar a sua solidão



para humanizar o seu amor, procurando e clamando pela mulher amada :

Não temas pois — ó vem ! O Céu é puro, e calma  
E silenciosa a Terra, e doce o mar e a alma.  
A Alma ! Não a vês tu ? Mulher, mulher ! ó vem !

É para a alma que o seu amor clama com mais veemência ; os seus idílios, as suas paixões, mesmo quando se concretizam numa mulher, são saturados de um idealismo delicado, cheios de espiritualismo requintado. Os versos, que cantam essas paixões, são românticos e platónicos, traduzem uma elevação permanente de sentimentos que atinge a adoração, colocando a mulher como pessoa sublime, alada, vaporosa, quasi abstracta. Eis porque as experiências amorosas de Antero, aquelas que atingiram a realização do amor, resultaram para êle profundamente dolorosas :

Vós fostes nas florestas bravas feras,  
Arrastando, leas ou panteras,  
De dentadas de amor um corpo exangue.

Mordei pois esta carne palpitante,  
Feras feitas de gase flutuante...  
Lobas ! leas ! sim, bebei meu sangue.

O amor físico é a depravação da sua aspiração de um amor puro ideal e atinge a própria ferocidade.

A realização do amor maculava o seu ideal de beleza feminina; a mulher, que amava fisicamente, degradava a pureza do amor, feito de aspiração e de um desejo que não se basta ou se realiza jamais. João de Deus, que nos versos do seu poema « Adoração » pintou a mais sublime, a mais ideal, a mais abstracta figura de mulher, sem a macular sequer com o mais insignificante pormenor de concreto, de real, de fisico ou de sensual, teria de ser profundamente admirado por Antero. Entre os dois poetas havia, no entanto, um abismo que os separava: João de Deus era amoroso, sentimental e contemplativo, Antero era, por temperamento e por cultura, inquieto, intelectual e activo; João de Deus sublimava a mulher até ao ideal, Antero colocava-a como ideal inatingível. Para o temperamento de João de Deus, Coimbra era o seu verdadeiro meio, por isso êle lá andou dez anos a formar-se em Direito, mas sobretudo, a viver intimamente com a paisagem a sua poesia lírica.

Antero bem depressa transcendeu a paisagem e a boémia académica, que não foram suficientes para o encher e o completar. Aos dezassete anos êle já começava a sofrer as suas primeiras desilusões, que resultavam dos seus primeiros entusiasmos idealistas e das primeiras aventuras da sua mocidade. A Universidade foi de entre tôdas a sua maior desilusão e, conforme ia avançando nos seus estudos, mais desiludido ia ficando. A Universidade era uma sebenta de pedra e a sebenta era aquêle livro de fôlhas soltas que já vinha desde D. Diniz, apenas com dois ou três *post-scriptum*, que foi tudo o que ficou da reforma do Sr. Marquês.



O Direito Romano, as Ordenações do Reino, o Código Visigótico, bem depressa cansaram a curiosidade de Antero que, já nos seus anos de estudo preparatório do Colégio do Pórtico, tinha delirado com a «Harpa do Crente» e que antes de entrar para a Universidade tinha lido Camões, Bocage, Almeida Garrett e agora João de Deus, o poeta veterano da Academia.

E assim, de desilusão em desilusão, ou melhor, em frente daquela impossibilidade de adaptação — que se traduzia em não poder aderir definitivamente nem à paisagem de Coimbra, através duma contemplação lírica e estática, nem à Academia na sua boémia inconseqüente, nem tão pouco ao espírito escolástico da Universidade, decorando a sebenta até se tornar talento oficial do Reino — Antero refugia-se na biblioteca do seu tio Dr. Filipe de Quental, homem liberal e lente de medicina, em casa de quem morava. É nessa biblioteca que Antero vai encontrar o material cultural necessário para operar o primeiro passo da sua luta titânica pela liberdade da sua consciência. É nos livros do Dr. Filipe de Quental que Antero descobre D'Alembert, Montesquieu e Rousseau e o «Discurso do Método». Descartes foi para Antero de Quental, encharcado de escolasticismo e de dogmatismo, a sua primeira grande surpresa, que abalou profundamente as bases da sua educação e que demonstrou, desde logo, os equívocos da sua cultura essencialmente «erudita». Mais tarde êle dirá: «O *cogito ergo sum* é a carta de alforria da inteligência moderna».

Depois vem a iniciação no pensamento alemão, que o devia influenciar sobremaneira. Kant, Schopenhauer,



Leibnitz e, sobretudo, Hegel acabaram por prostrar dentro de Antero os mitos da sua cultura já ultrapassada. No pensamento alemão, Antero encontra uma rigidez e uma força que não encontrara no pensamento francês, uma rispidez dialética e uma profundidade de tensão que os latinos não são capazes de imprimir às obras de filosofia. É êsse pensamento que promete dar a Antero uma solução para o drama, que dentro dêle se criara, e que não era mais do que a luta trágica entre a sua antiga consciência — escrava da sua educação e da sua cultura — e uma nova consciência que fôsse a libertação dessa escravatura. Hegel é o pensador que mais claramente lhe mostra certas das suas próprias limitações e lhe oferece, primeiro do que ninguém, uma passagem mais ampla do que o criticismo que Kant lhe oferecera para ultrapassar o seu dogmatismo. Mas Antero, ao abandonar o seu dogmatismo religioso, pretende não o relativismo de Hegel, mas uma solução absoluta, ideal e eterna que substitua o seu dogma de Deus, base da sua certeza religiosa. Sob o aspecto psicológico Schopenhauer começa a dominá-lo.

Em Antero, no homem que saía do obscurantismo da cultura escolástica para cair de chofre sôbre as correntes filosóficas vigentes e vivas no século XIX, trava-se uma enorme batalha, aquela luta que todo o homem que se pretende libertar tem de travar consigo mesmo e com tudo, para vencer as forças obscuras da sua consciência imposta pela sua condição social e pela educação que recebeu, quando ainda não podia discutir, mas simplesmente aceitar.

Encontra uma pequena tertúlia de intelectuais aca-

démicos que êle começa a animar com a sua presença vibrante e com o seu verbo inconfundível. O positivismo, Rénan, Baudelaire, Byron, Darwin, Zola e Michelet são os assuntos predilectos d'esses rapazes que se reúnem nos quartos uns dos outros e que dão longos passeios em volta de Coimbra, construindo aos poucos uma vida cultural cada vez mais distante da sebenta e da Universidade. Antero já opõe Hegel ao positivismo; o seu anti-cristianismo religioso não é de via Rénan, mas emerge do pensamento alemão; Baudelaire é para êle o escritor mergulhado num satanismo literário, que por vezes atinge um cabotinismo e uma devassidão que ferem o seu espírito elevado para as grandes questões da humanidade e da vida; Byron não é para êle um ídolo, como para tantos dos seus contemporâneos e a sua morte surge-lhe mais patética do que uma atitude humanitária de apóstolo, que o cristianismo ético de Antero aceitava como finalidade superior para a conduta dos homens. Para Antero os seus poetas predilectos são: Lamartine, Dante e Goethe. A «Divina Comédia» e o «Fausto» são os seus grandes livros, aquêles que estavam sempre pousados sôbre a sua mesa de cabeceira. Edgar Poë também o impressiona profundamente, através da sua imaginação rica de mistérios e de sugestões. O judeu Heine perturba-o com o seu universalismo, com a sua ironia, com as contradições do seu pensamento e da sua obra.

Antero anima-se, bem cedo tinha abandonado a mansão inerte que a sua educação católica cheia de certezas lhe queria impôr. Entre todos os escritores, que lê e que medita, há um que de certa altura o



domina mais do que nenhum outro: Proudhon. É que Proudhon não é só o pensamento, Proudhon é também a acção e Antero, a-pesar-do idealismo que sempre o animou e que foi a base filosófica da sua luta, pretendeu estabelecer uma coerência íntima entre a acção e o pensamento. Num dos primeiros artigos que escreveu para os «Prelúdios Literários», tendo então dezoito anos, Antero expunha as idéias de Cormenin sôbre as bibliotecas rurais ambulantes:

«Remissa e vagarosa, porém, vai a instrução por esta boa terra de Portugal; e ai de nós se não se atende a êste grave mal com prontos remédios; ai de nós, porque um povo que possui a liberdade sem instrução, que só o pode nela iniciar e nos sagrados direitos em que se resolve, a custo poderá conservá-la, e o que é mais, conservá-la sem abusar».

Êste escrito revela a ingenuidade dos seus poucos anos, mas revela também que já nessa idade não eram sômente os seus problemas de consciência que o interessavam, mas também os problemas humanos essenciais da sua época:

«É certo que os verdadeiros promotores dêste progresso intelectual (referia-se ao progresso intelectual dos povos civilizados no século XIX), não são os opressores, que mal têm êles tempo de se rodearem de lanças e baionetas: são os democratas, os verdadeiros amigos do povo, que por êle velam, e cuja voz, que é a voz da verdade e da justiça, a-pesar-de proscrita e desterrada, brada tão alto, que a própria tirania em que lhe pese, se vê forçada a sujeitar-se mais ou menos aos mandatos dêsses representantes da opinião: parece que a Provi-



dência capricha em haver os tiranos por instrumento da sua própria ruína, pois só a ilustração, que dá ao homem a consciência dos seus direitos, pode derribar ruins governos e opressores».

É ainda o seu precoce idealismo revolucionário que fala e que determina a sua acção como homem e como escritor:

«O dever de todos, quantos somos, que pugnamos pela liberdade e pelo bem do povo, é seguir sempre a grande idéia, através de todos os estorvos e revezes, com o peito ao vento, rosto alto, e os olhos só fitos no futuro».

Estas palavras são o seu primeiro retrato moral em corpo inteiro, palavras que foram ditas aos seus dezoito anos e que foram verdadeiras até ao momento em que se matou numa Praça de S. Miguel, trinta anos depois. Poucos homens poderiam sobre eles próprios ter escrito profecia tão certa quando a inocência e o entusiasmo da mocidade os obrigam a falar. Se êste período revela o homem e o lutador, há outro que revela já o escritor cheio de preocupações culturais renovadoras e condicionado por aptidões humanísticas, únicas no seu tempo:

«Abundam as nossas livrarias em pesados volumes, de ainda mais pesada erudição e elevado estilo; mas ao alcance do obreiro, do agricultor, do próprio camponês, volumes que por seu tamanho, preço e clareza a êles se amoldem, lhes mitiguem, por sua amenidade e instrução, o rústico e afanoso lidar, a custo se depara com um ou outro.

«Nisso diferimos da França, da Itália, da Alemanha,

que os têm aos cardumes, enquanto que os nossos escritores parecem falarem-se mais entre si do que com o povo».

Aos dezoito anos Antero aspirava por uma cultura viva e humanizada, batia-se por uma literatura útil que tivesse projecção sôbre a vida social, idéias que o acompanharam sempre pela vida fóra e que foram o substracto da sua elevada vida de escritor.

Mas não foram sômente os livros e a tertúlia dos seus amigos que o influenciaram. O seu tio, Dr. Filipe de Quental, também teve presença no seu primeiro esforço de libertação. Foi êle que contou a Antero as aventuras do seu avô, André da Ponte de Quental, cadete da armada, poeta e companheiro do Bocage, que esteve encarcerado pelos esbirros de Pina Manique e foi soldado da primeira revolução liberal em 1820. Foi êle também quem melhor informou o jovem poeta acêrca do carácter e do temperamento revolucionário de seu próprio pai, soldado da expedição liberal que desembarcou no Mindelo para combater o miguelismo.

A educação católica de Antero era assim atacada não sômente pelas correntes filosóficas e pelas idéias do século, que chegavam a Coimbra como novidade e surpresa, mas também pelo profundo golpe sentimental que lhe feria a sensibilidade e o carácter. Antero honrava-se descender dum avô e dum pai liberais, de dois homens que ofereceram a sua vida na luta pela liberdade. Várias vezes o diria em voz alta, como prestando uma homenagem aos seus antepassados mais próximos. Aos dezoito anos Antero publica num folheto o seu poema «A História» que, se era um princípio de revolução literária,



era também uma afirmação de personalidade e de coragem.

Ao embater violentamente com êsse novo Mundo, que nascia dentro e fóra do poeta, a fé católica começou a sucumbir cada vez mais, impotente para lutar com aquela vida nova que cachoava nas entranhas de tudo. Bem depressa Antero é dominado por um drama religioso violento e doloroso, que êle próprio traduz desta maneira eloqüente na carta autobiográfica, mais tarde escrita a Wilhelm Storck: «Varrida num instante tôda a minha educação católica e tradicional, caí no estado de dúvida e de incerteza, tanto mais pungente, quanto, espírito naturalmente religioso, tinha nascido para crer plácida-mente e obedecer sem esforço a uma regra reconhecida».

Os problemas que lhe tomam tôda a vida interior, que o absorvem completamente, são os problemas da existência ou não existência de Deus. A crise religiosa de Antero é cumulativamente uma crise mística, que nasce do embate estabelecido entre a sua certeza dogmática de católico, que lhe afirmava a existência de Deus através do verbo de Jesus Cristo, e tôda a filosofia viva do seu século que, ou nega Deus, ou pretende explicar racionalmente a sua existência. Antero sentiu dentro da sua consciência, em termos trágicos e inconciliáveis, o dilema da existência ou não existência de Deus. Não se ficou, portanto, numa luta religiosa de fórmulas, de liturgia ou de preconceitos de moral, misturados e confundidos com problemas de religião, como sucedeu, por exemplo, com Junqueiro ou Gomes Leal. Antero não foi anti-católico simplesmente por jacobinismo político, por



atitude, mas sim antes porque as correntes filosóficas vigentes do seu século embateram dentro de si com os dogmas católicos, tal como o mar de encontro à penedia.

A dúvida sobre a existência de Deus começou por ser um problema intelectual, mas em breve se transformou no drama crucial da sua consciência. A princípio foi a certeza dogmática, que lhe tinha sido imposta pela sua educação católica e tradicional, contra Descartes, Kant, Schopenhauer, Hegel, Heine, Proudhon; mas acreditar ou não acreditar em Deus, como evidência primeira e indiscutível, era coisa muito mais importante do que pôr um problema em termos abstractos e abstractamente resolvê-lo. Deus era a pedra basilar de tudo que dentro d'êle até ali se tinha construído e arrancar essa pedra era fazer ruir o edificio da sua consciência. Eis porque a sua dúvida se transforma em angústia e no soneto « Ignoto Deo », escrito em 1860, quando êle tinha ainda 18 anos, se expande assim :

Que beleza mortal se te assemelha,  
Ó sonhada visão desta alma ardente,  
Que reflectes em mim teu brilho ingente,  
Lá como sobre o mar o Sol se espelha ?

O Mundo é grande — e esta ância me aconselha  
A buscar-te na terra: e eu, pobre crente  
Pelo Mundo, procuro um Deus clemente,  
Mas a ara só lhe encontro... nua e velha...

Não é mortal o que eu em ti adoro.  
Que és tu aqui? olhar de piedade,  
Gota de mel em taças de venenos...

Pura essência das lágrimas que choro  
E sonho dos meus sonhos! Se és verdade,  
Descobre-te, visão, no Céu ao menos!

Como se vê, Deus não é um problema, é um drama de consciência, na sua forma rudimentar e ingénua. Antero implora nos seus últimos versos uma prova física da existência de Deus. É ainda um grito da sua fé católica que assentava na encarnação divina de Jesus Cristo.

A luta contra a sua consciência católica é uma luta entre o Deus, cuja existência tinha aprendido dos lábios da sua própria mãe, e aquêlê pensamento novo que o dominava. Antero já não acredita, mas quere acreditar, com medo de perder a sua fé, mesmo que lhe pareça primitiva e ingénua diante da filosofia que a combate:

Esperemos em Deus! Êle há tomado  
Em suas mãos a massa inerte e fria  
Da matéria impotente e, num só dia,  
Luz, movimento, acção, tudo lhe há dado.

Ele, ao mais pobre de alma, há tributado  
Desvelo e amor: êle conduz à via  
Segura quem lhe foge e se extravia,  
Quem pela noite andava desgarrado.



E a mim, que aspiro a êle, a mim, que o amo,  
Que anseio por mais vida e maior brilho,  
Há-de negar-me o termo deste anseio?

Buscou quem o não quis; e a mim, que o chamo,  
Há-de fugir-me, como a ingrato filho?

Ó Deus, meu pai e abrigo! espero!... eu creio.

São os últimos alentos da sua fé, que ainda confia num Deus criador e paternal, e que a-pesar-de todos os seus esforços não resiste. De nada valem as suas afirmações, as suas juras, perante a dúvida que o consome: quanto mais afirma, mais duvida.

Dentro dêsse cepticismo religioso, a filosofia de Schopenhauer medra assustadoramente; ao sentir-se descrente sente-se desgraçado:

Só males são reais, só dor existe;  
Prazeres só os gera a fantasia;  
Em nada, um imaginar, o bem consiste,  
Anda o mal em cada hora e instante e dia.

É a primeira quadra de um soneto de vinte anos que termina neste verso lapidar, onde o pèssimismo confrange: «Que sempre o mal pior é ter nascido!» De nada valerão portanto os actos de heroismo, os esforços de salvação e até o sacrificio redentor de Jesus Cristo



— no qual tinha piamente acreditado como aventura dum Deus sôbre a Terra — surgia inútil :

Há mil anos, bom Cristo, ergueste os magros braços  
E clamaste da cruz: há Deus! e olhaste, ó crente,  
O horizonte futuro e viste, em tua mente,  
Um alvor ideal banhar êsses espaços!

Porque morreu sem eco, o eco de teus passos,  
E de tua palavra (ó Verbo!) o som fremente?  
Morreste... ah! dorme em paz! não volvas, que descrente  
Arrojarás de novo à campa os membros lassos...

Agora, como então na mesma terra erma,  
A mesma humanidade é sempre a mesma enferma,  
Sob o mesmo ermo céu, frio como um sudário...

E agora, como então, viras o Mundo exangue,  
E ouviras perguntar — de que serviu o sangue  
Com que regaste, ó Cristo, as urzes do Calvário? —

E Antero ter-se-ia realmente afundado no pèssimismo, se Proudhon não viesse em seu socorro. «La Philosophie de la Misère» e a «Capacité politique des classes ouvrières» acordam-no. Antero devora as obras do teórico do socialismo francês para trazê-las em brados de entusiasmo para o seio da academia, que nessa altura andava empenhada numa luta contra o Reitor Sousa Pinto. Para

Antero de Quental êsse conflito acadêmico é um pretexto para lançar a sua primeira campanha revolucionária. De noite, aproveita a agitação da Alta, onde os estudantes se amotinam contra o Sr. Reitor, para lançar aos ares metáforas revolucionárias, misturadas com versos. Nesse momento êle surge como agitador, maneja a palavra com a mesma facilidade, o mesmo talento e a mesma sinceridade com que fazia versos. É numa dessas noites que Eça de Queiroz o encontra pela primeira vez, falando do alto da escadaria da Sé Nova, nimbado de luar e de sonho. Eça pára estarrecido e fica como os outros a ouvi-lo; a sua voz tinha um timbre misterioso que magnetizava e ao mesmo tempo o poder dialético que convencia.

Era um novo apóstolo que surgia na letargia do meio coimbrão, irreverente até ao escândalo, audacioso até à temeridade, digno até ao sacrifício. Além de tôdas essas qualidades que o tornaram, desde logo, uma figura lendária da academia do seu tempo, Antero era ainda, como diz Oliveira Martins: «Conversador como poucos, fácil, espontâneo, original e sugestivo, irónico, humorista, espirituoso, descendo até à própria charge», quere dizer, Antero era grande não sòmente quando falava à noite nos seus discursos altissonantes perpassados de um romantismo novo e estranho, como era grande nas pequenas reuniões junto das mesas de mármore nos cafés da Rua da Sofia. Com êsse complexo de aptidões singulares, Antero tornou-se bem depressa, de parceria com Vieira de Castro, o «leader» da academia.

Vieira de Castro já tinha sido suspenso da Univer-



sidade por protestar ruidosamente contra a exclusão de um professor da Faculdade de Direito e quando voltou novamente a Coimbra foi por pouco tempo, porque no dia em que o Reitor Sousa Pinto determinou que os estudantes usassem calção, sapato de fivela e meia até ao joelho, êle, em sinal de protesto, entrou nas aulas com as calças caídas sôbre as botas de verniz. A sua irreverência tornou-se e tornou-o célebre. Logo que fôsse preciso alguém que protestasse, aparecia Vieira de Castro. Era um orador extraordinário, vibrante de entusiasmo e de coragem. Antero foi um aliado que lhe surgiu. Até ali tinha combatido sòzinho. Os outros protestavam às ocultas, concordavam com êle nos quartos da «república» e nos bilhares da Sofia, mas quando chegava a hora de tomarem atitudes, encolhiam-se, desculpavam-se, fugiam. Mas Antero não era dêsses, Antero tinha outra têmpera. E ambos fundaram a «Sociedade do Raio», que era uma associação secreta, uma autêntica carbonária, com as suas reuniões nocturnas realizadas sob a luz do luar, no Penedo da Saúdade, no Choupal ou nos Paços de qualquer «república».

A «Sociedade do Raio» vinha dar mais fundo à revolta académica contra o reitor Sousa Pinto que, para Antero, continuava a ser um pretexto, porque o essencial era divulgar as doutrinas socialistas, o importante era agitar a consciência da academia.

Todo o socialismo de Antero vinha de Saint-Simon, Fourier, Considerant, Pecquer, Cabet e sobretudo Proudhon. Em Portugal a questão social não tinha tomado ainda o vulto que alcançara na França ou na Alemanha, porque sendo um país não industrializado,



ainda não tinha surgido com evidência a luta entre os patrões e os operários e, por ser assim, Antero só podia aprender nos livros e falar quasi só com estudantes. A única luta de classes que existia em Coimbra era entre futricas e estudantes, o que era uma caricatura.

Mas Antero estava agora atirado para a acção com unhas e dentes, quasi não escrevia, não fazia versos, os seus poemas saíam-lhe em actos. Uma noite, quando a «Sociedade do Raio» estava reunida numa «república» próxima do Penedo da Saúdade, solta-se sobre Coimbra uma tempestade feroz; o Céu é rasgado de segundo em segundo por ondas de luz, os trovões parece que vão esfacelar o casario, o vento zumba como um moscardo monstruoso que andasse lá fora num desespero. Um relâmpago maior, um trovão mais alto cortam o ritmo da assembleia e todos ficaram calados, boquiabertos à espera que o som desaparecesse para continuarem a respirar. Nesse momento, Antero abre a janela, cavalga o peitoril e, de relógio em punho, desafia Deus. Dá-lhe sete minutos para provar a sua existência, fulminando-o com um raio se por acaso existir. Os outros ficam silenciosos, mudos de espanto, de terror, de expectativa, de pasmo, sabe-se lá mais de quê. Os corações batem-lhes apressados no peito marcando o ritmo do relógio. Antero olha o Céu em atitude de desafio, firme e resolutivo. Os ponteiros atingem o ponto marcado. Antero de Quental voltando-se para a Assembleia diz simplesmente: — Deus não existe.

Todos ficaram cabisbaixos, sem dizerem uma palavra e quando voltaram para as suas casas traziam uma dúvida

que os roía por dentro. É que Antero sabia por experiência própria que Deus era o principal elemento da consciência de cada um dos componentes da «Sociedade do Raio». Todos juravam que não acreditavam em Deus, mas negavam-no precisamente porque nêle acreditavam com uma fé ainda maior: A fé da dúvida. Naquela noite todos esperaram o castigo: que um raio os fulminasse à primeira esquina. Quando chegaram aos seus quartos vinham lívidos, com um suor frio de angústia nos temporais, mas ao mesmo tempo heróicos. No outro dia todos espalharam nos Gerais, nos cafés da Sofia, no Teatro Académico: — Antero desafiara Deus.

Mas a «Sociedade do Raio» não podia ficar no anonimato, era necessário uma atitude pública, qualquer coisa que atingisse o Reitor Sousa Pinto, que para Antero de Quental era um símbolo da tirania e um pretexto para a acção revolucionária. Quando o Príncipe Humberto, que seria mais tarde o rei de Itália, visitou Coimbra, a «Sociedade do Raio» preparou-lhe uma manifestação que ficou célebre. Antero, seu chefe supremo, falou na sala dos Capelos. Os estudantes vibravam em unísono com êle. A voz de Antero elevava-se como um clarim: «Os estudantes da Universidade de Coimbra, filhos e netos dos heróicos defensores do Pôrto, saúdam, em nome da fraternidade de dois povos irmãos, o neto de C. Alberto: a mocidade liberal Portuguesa saúda, em nome da liberdade do mundo católico, o filho do amigo de Garibaldi, o filho de Victor Manuel.

«À mocidade portuguesa não lhe sofre o coração



(ainda que enlutado de tristes pressentimentos) que não recorde com saúde a memória do herói infeliz que, escolhendo por último leito uma terra de homens livres, prestou, ainda na morte, homenagem à liberdade; não lhe sofre o espírito impaciente (ainda que oprimido por um fantasma do passado) — aqui o orador apontou para o reitor Bazílio Alberto de Sousa Pinto — que não vire os olhos para as bandas da luz, aonde, no meio do combate, se enlaça o braço do rei com o braço do povo. Não é ao representante da Casa de Saboia que vimos prestar homenagem: é ao filho de Victor Manuel que saudamos; do primeiro soldado da independência Italiana; dêsse de quem os reis da Europa aprendem como, neste século ainda, se pode ser popular sendo-se Rei; de quem a Itália espera ressurreição completa; de quem espera a Igreja Cristã uma nova época de verdadeira grandeza e liberdade verdadeira.

«Aos votos da Europa inteligente, aos votos da Europa popular, aos votos dos que trabalham pela grande causa dos povos, unimos os nossos, sinceros como a nossa idade e como ela cheios de muita fé, para que a pátria de Garibaldi possa reaver o sagrado património da sua nacionalidade, para que o coração da Itália, que o é também do mundo Cristão, pulse com igual energia pela liberdade política e pela liberdade religiosa».

O príncipe Humberto ouvia, sem entender no seu verdadeiro sentido, a arenga entusiasta daquele rapaz de barba loira, que, rosto a rosto, lhe dizia em língua diferente as mesmas palavras que tinham levantado a Itália.

O príncipe Humberto foi outro pretexto que fez

derivar por alguns dias o fim principal da «Sociedade do Raio». Antero, Vieira de Castro e os seus sequazes organizaram novo golpe contra o Reitor. No dia da distribuição de prémios aos alunos laureados, a Sala dos Capelos seria evacuada e o Reitor ficaria sôzinho a perlangar para os augustos e defuntos monarcas que estavam dependurados nas paredes e para os outros doutores que assistiam. Se pensaram bem o golpe, melhor o executaram. O Reitor não discursou para os estudantes, que ficaram cá fora nos Gerais gritando em altos berros a sua revolta, enquanto o Dr. Sousa Pinto, para não perder o seu prestígio, pronunciava até ao fim o seu discurso.

Foi um escândalo, que abalou o país de lés a lés. No outro dia, a imprensa de Coimbra e de Portugal inteiro preguntava surpresa e indignada, o que significava tamanha falta de respeito pelas instituições, qual seria a finalidade de semelhante rebeldia.

A Academia responde pela pena de Antero, que nunca saía da cabeça do movimento, que não desertava, que não se acobardava nunca:

«Pregunta-se hoje em Coimbra, pergunta-se por todo o país: — ¿Que querem os estudantes da Universidade de Coimbra? ¿Que significa a evacuação da Sala dos Capelos no dia 8 de Dezembro de 1862? ¿Que protesto é êsse duma corporação contra o seu chefe? O manifesto explica:

«A manifestação contra o Reitor da Universidade é também um protesto contra a iniquidade duma legislação atrazada de três séculos, porque êste Reitor simbo-



liza todo o rigor dessa lei, porque consubstancia em si tudo quanto há de mau na instituição.

«Os estudantes querem a reforma dum processo inquisitorial; garantias de justiça; que seja julgado e condenado como homem, como cidadão dum estado livre, e não como relapso fugido aos cárceres do santo officio; que a igualdade perante a lei seja uma realidade aqui, e não risível fantasmagoria; que nos julguem homens desapaixonados, e não os que mais estão no declive escorregadio das vinganças; que se distinga entre ciência e costumes, e acabe por uma vez essa pena infamante que, com um traço negro de tinta, mata a reputação, o futuro duma vida em começo, quando, muita vez também, não mata o coração de uma família...

«¿ Que querem os estudantes da Universidade?

«Justiça! Um raio de sol também para nós, dêsse sol de liberdade e progresso que luz para todo o século e só a nós nos deixa nas trevas do passado. O lugar no banquete das garantias liberais, que nos é devido, porque essa liberdade custou o sangue dos nossos pais, o nosso sangue. Garantias para quem quer ser livre, digno e justo; auxílio a êstes escravos, que querem, um dia, ser homens e cidadãos».

Êste manifesto, redigido com tôda a fôrça panfletária e com tôda a dignidade que caracterizavam o génio polémico de Antero, foi assinada por trezentos estudantes. A primeira assinatura era a de Antero de Quental, a última a de Germano Meireles, que era então o seu companheiro inseparável; entre as outras estão as de José Falcão, Carlos Mayer, Azevedo Castelo Branco,

Filomeno da Câmara, Faria e Maia, Manuel de Arriaga, Teófilo Braga e Eça de Queiroz.

A obra da «Sociedade do Raio» começava a projectar-se para fora dos muros de Coimbra, através do verbo eloquente e persuasivo de Antero. A Academia agita-se, começa a abandonar a sua boémia em troca de qualquer coisa de novo que andava no ar e surgia como uma voz anunciando o advento dum novo Mundo e de uma nova época. O século XIX vai-se alastrando pela cidade universitária, queimando o seu arcaboço medieval como incêndio atizado pelo vento. Os estudantes julgavam seu dever implantar os princípios da grande revolução, gritando-os bem alto à morbidez tradicional do país. Admiravam o heroísmo da Itália libertária, a jovem Alemanha, a Polónia que se levantava contra o jugo czarista da Rússia. Alguns venderam as camas, os lavatórios e puseram as pastas no «prego» para socorrer economicamente a causa da Polónia.

Antero escreve uma poesia enaltecendo o gesto do povo polaco contra a tirania da Rússia que, ao ser recitada por um estudante no Teatro Académico, levanta os rapazes até ao delírio.

Quere dizer, o século XIX chegava triunfantemente a Coimbra fazendo os seus arraiais no espírito moço e irrequieto dos estudantes, que se lançavam contra a vida tradicional do país levados por um idealismo revolucionário vibrante mas sincero.

Os novos livros eram procurados avidamente pelos estudantes. Todas as semanas surgia um novo escritor, que ficava na berlinda, sujeito a todas as admirações e a todas as críticas. Depois aquêlé saía e chegava outro.



Só a Universidade é que continuava impassível, rezando a Sebenta na sua lenga-lenga secular. Da Europa vinham notícias sensacionais sôbre o desenvolvimento da mecânica. A máquina a vapor tinha aberto uma nova era na vida da humanidade. As locomotivas aperfeiçoam-se, as estradas de ferro multiplicam-se, unindo as principais cidades da Europa como se fôsse um novo sistema vascular. A velocidade é uma nova tentação à iniciativa dos homens, é a origem da nova aventura dos «récords». O homem apercebia-se que o Mundo era cada vez mais seu, que as distâncias que os separavam iam diminuindo, tornando-se cada dia mais insignificantes, porque a velocidade dos meios de locomoção aumentava. Assim, Napoleão na sua retirada da Rússia percorreu o trajecto de Vilna a Paris, 2.500 quilómetros, em 312 horas. Quere dizer, o Imperador da Europa, dispondo de tôdas as facilidades possíveis e imagináveis do seu tempo, não conseguiu andar mais de 9 quilómetros por hora, o que já os exércitos de Alexandre tinham conseguido.

De repente, tudo mudou com o aparecimento do caminho de ferro. A técnica vencía o espaço, a velocidade começava a sua era. No século XIX qualquer cidadão fazia o mesmo trajecto que Napoleão, o Imperador da Europa, fizera em 312 horas, apenas em 48 horas. No mar a navegação a vapor conquistava cada dia que passava mais rotas e mais navios. Os continentes já não estão separados por meses mas simplesmente por semanas. A Inglaterra lança as bases do seu imperialismo colonialista, através do seu poderio marítimo.

Mas a máquina a vapor em breve será vencida pela

electricidade. As investigações científicas de Volta, Faraday, Galvani, Ampère e Franklin, anunciam êsse novo milagre da ciência que abrirá os grandes horizontes da técnica moderna. Os fenómenos eléctricos são a nova atracção da curiosidade científica e técnica. O telégrafo e os cabos submarinos propagando notícias, vencendo distâncias e fronteiras, irmanando os homens através de um universalismo positivo, interessava-os cada vez mais pelo destino uns dos outros. A revolução industrial atingia os primeiros degraus da sua ascenção e apresentava-se aos olhos dos homens como anunciação de um novo paraíso na terra.

O progresso científico, técnico e industrial conduziria o homem ao novo Eden; a liberdade já estava conquistada, era preciso oferecê-la em todos os seus requintes aos homens; a vitória seria certa; a felicidade seria alcançada; todos os homens seriam livres e iguais e viveriam num Mundo de Paz e Fraternidade; era o legado admirável da grande revolução; todos teriam que comer e que vestir, desapareceriam os pobres, porque a indústria mecânica produziria para todos, abarrotaria os mercados e os preços desceriam porque a oferta seria muito maior do que a procura. Um Mundo de abastança e de felicidade esperava o homem no futuro.

Era todo êsse «século fecundo» que começava a iluminar a escuridão medieval de Coimbra. A mocidade contagiava-se com êle, ardia na fogueira da revolução, era um novo e ardente vulcão que nascia em cada peito. Antero era o mais exaltado de todos. A sua aspiração era integrar o país no século, a nação na Europa, o povo na humanidade e na civilização. A revolução era para êle



a força capaz de operar êsse milagre. Êle e os seus companheiros seriam os porta-vozes duma nova vida, os arautos de uma nova cultura, os pioneiros de uma nova civilização.

Era assim o idealismo ingénuo e sincero que alimentava o génio poético de Antero e o seu carácter de homem sempre integrado na sorte e na vida dos outros homens. E não era de admirar que o seu idealismo e a sua mocidade o embalassem nessa maré de optimismo e de força porque ainda era cêdo para se verem de Portugal as contradições e os conflitos sociais que surgiriam no seio do liberalismo, com o advento e a vitória da técnica industrial.

Contra o idealismo revolucionário estavam o pêso da tradição, os complexos de uma consciência de classe, a educação religiosa e a cultura escolástica. O entusiasmo da juventude era audacioso e violento, mas os fantasmas ancestrais e as sombras do passado resistiam.

Antero é, no entanto, aquêlo que mais depressa atinge o caminho da libertação, é êle que esfacela, primeiro do que ninguém, as algemas e as grilhetas que os amarravam ao pelourinho do estabelecido. É durante o ano de 1863, precisamente enquanto comandava a acção subversiva da «Sociedade do Raio», escrevendo manifestos e forjando motins académicos, que êle escreve a maior parte das «Odes Modernas», onde o seu elan revolucionário se exprime em beleza e em sinceridade.

Em Julho de 1863, o reitor Sousa Pinto é agraciado com o título de Visconde de S. Jerónimo e pede a demissão do seu elevado cargo universitário. A «Sociedade

do Raio», que nascera para o derrubar, termina a sua missão.

Antero trabalha mais afincadamente ainda na sua obra literária, não para alcançar a glória ou a imortalidade, que foram coisas que nunca lhe interessaram, mas para seguir os ditames do seu carácter, para ajudar a construir o Mundo a que o seu idealismo revolucionário aspirava, para cumprir a sua missão de homem coerente consigo mesmo. Aquela poesia amorosa, sentimental, romântica e lírica, que enchia a literatura portuguesa de então, não era a poesia da Revolução e do Progresso, não podia ser a expressão capaz de cantar os feitos, as glórias e as grandezas daquela época de profundas transformações. Uma vida nova ia surgir, era preciso uma linguagem nova para a traduzir. Antero começa a forjar uma nova expressão poética capaz de servir de voz às novas idéias e aos novos acontecimentos. Um novo verbo poético ia nascer...

Nos fins do ano de 1863, Antero pretende publicar as suas poesias e vai em companhia de Alberto Sampaio — que levava por sua vez o original de um romance — procurar a opinião de Herculano e de Castilho.

Herculano compreende o som daquela voz inédita, repleta de palavras e metáforas até aí desconhecidas na poesia tradicional. O poeta da «Harpa do Crente» era também o historiador de «A Inquisição em Portugal», eis porque foi capaz de ultrapassar as ousadias formais das «Odes Modernas», para alcançar o verdadeiro sentido daquela poesia que cantava a Revolução, o Progresso, o Século e a Liberdade.

Castilho scandalizou-se, não aceitou a origina-



lidade duma voz que ousava falar em linguagem diferente.

Além de opiniões, os dois estudantes tinham ido procurar editor. Se mestre Castilho se tinha irritado, muito mais se irritaram os possíveis editores, que não entenderam a forma e o conteúdo daqueles versos, que não falavam de lua, de amores mal correspondidos ou do patriotismo apologético das glórias passadas. Além disso, não traziam os versos duas palavras de prefácio do mestre Castilho e os editores não avaliam as obras que editam senão por aquilo que os consagrados dizem delas, sobretudo porque os consagrados já têm um certo público, a que corresponde uma certa freguesia e esta a um certo lucro, que é a única finalidade do livreiro editor.

A-pesar-de não terem encontrado um editor em Lisboa, os dois rapazes não desistem e chegam a ir ao Pôrto, num barco à vela, procurar alguém que lhes edite as obras. Antero possuía êste pormenor, próprio das personalidades fortes e elevadas: transformar as coisas insignificantes em grandes acontecimentos, ou melhor, ter coragem para viver a vida em máxima tensão, vivendo cada momento em grandeza e em seriedade.

No Pôrto não são mais felizes. Os editores, coitados, não podiam adivinhar se aquilo era bom ou mau, e ambos, o poeta e o romancista, voltam desiludidos para aquela Coimbra «encantada e quasi fantástica», de onde tinham partido com o original das suas obras, julgando, na sua jovem ingenuidade, que seriam compreendidos.

E Coimbra continuava agitada, a Academia era um vulcão que de quando em quando entrava em actividade,

e para tal era preciso que qualquer coisa de anormal se passasse. Ora, em Setembro de 1863, tinha nascido o príncipe D. Carlos e portanto deveria haver perdão de acto no ano de 1864. A Academia reúne em Assembleia Geral presidida por Vieira de Castro. Os mais cábulas preconizam imediatamente o pedido de perdão de acto que foi aceite pela quasi totalidade, com excepção de algum urso mais zeloso dos seus pergaminhos. Antero não achava aquilo inteiramente justo, não concordava que fossem os próprios estudantes que se dirigissem ao poder pedindo a dispensa dos exames, para êle aquêl gesto da academia era uma demonstração da sua falta de seriedade, de estímulo e de pundonor, que no fundo era apenas desinterêsse absoluto pelos seus estudos, por aquella erudição inútil e pesada, que de nada servia. Antero não estava de acôrdo, mas também não chegou a fazer opposição. Êle tinha o mais supremo desprêzo pela sebenta e os actos só serviam para os alunos a recitarem. A cultura viva do século era tabú, estava excomungada, não entrava nos umbrais da Porta Férrea. Um estudante que falasse em Proudhon cometia um atentado de lesa-cultura. Se a vida académica fôsse uma coisa séria, se a Universidade fôsse uma fonte de cultura viva, Antero ter-se-ia oposto com tôdas as suas forças ao pedido de perdão de acto, por reconhecer que se tratava de uma attitude extemporânea, ridícula e até indigna da mocidade que vivia a estudar, além de ser um desafio àquela outra mocidade que já vivia do seu trabalho, que não tinha pais ou dinheiro para lhes sustentar um curso em Coimbra. Mas não era assim, e Antero achou prudente assumir uma



atitude de indiferença, não se pronunciar nem p'rol nem contra.

A Academia resolveu dirigir-se ao Senhor Duque de Loulé, que era então o presidente do conselho, pedindo-lhe o perdão de acto, mas o Duque de Loulé não só diz que não, mas ainda reprova acremente a atitude da Academia. Os estudantes reagem contra a resposta do Snr. Duque, julgam-na um ultraje ao seu prestígio e à sua dignidade, e executam-no em effigie junto à Porta Férrea, em sinal de revindicta, no meio de um alarido cheio de entusiasmo romântico e exaltado.

A réplica foi violenta em demasia e provocou escândalo no país inteiro. Os estudantes aproveitam a velocidade adquirida e provocam motins nocturnos nas ruas da Alta e ruidosas manifestações de protesto contra o Senhor Duque.

O governador da cidade, alarmado com o incidente que se agravava cada vez mais, manda vir a guarda do Pôrto para manter a ordem. Os estudantes, reunidos em Assembleia Geral permanente, como era uso e costume nessas emergências graves, resolvem enviar um *ultimatum* ao senhor governador dando-lhe um prazo para retirar a guarda. O governador não cede e a guarda não retira.

Antero surge então pela primeira vez em cena e a sua presença enche de alento a Academia. É que para êle a questão tinha mudado de sentido, já se não tratava do perdão de acto, tratava-se do enchovalho que o Senhor Governador tinha cometido mandando vir a guarda para resolver violentamente um conflito académico. A Academia tinha o seu fôro próprio e não se vergaria perante

as prosápias do Senhor Governador que arbitrariamente se tinha intrometido na questão.

Antero convida a Academia a abandonar Coimbra em sinal de protesto. O seu improviso inflamado galvaniza os companheiros até ao rubro. Saíram da Assembleia Geral, dispostos a tudo, a tôdas as loucuras e a todos os disparates. Teófilo Braga pretende lançar, ainda, um argumento em nome do senso comum, mas Antero tem a Academia na mão, a sua palavra comanda-a, ela vai para onde êle quiser, e é êle que a leva para o Pôrto em êxodo patético e triunfal, à luz de archotes e ao som da Marselhesa.

O acontecimento surpreende o país inteiro. A Academia de Coimbra começa a aparecer como um pesadelo e os nomes de Antero de Quental e Vieira de Castro surgem como agitadores, responsáveis principais da rebeldia latente da mocidade universitária, que aproveitava tôdas as ocasiões e todos os pretextos para se levantar em rebelião.

No dia seguinte ao da partida de Coimbra, os estudantes chegam ao Pôrto, acordando a pacata cidade de burgueses com o troar dos bombos misturado com vivas e gritos subversivos. À noite, na Assembleia Geral realizada no Teatro Baquet, Vieira de Castro improvisa o mais delirante dos seus discursos, a sua voz é mais fogosa e penetrante do que nunca, o seu domínio sôbre aquêlê auditório entusiástico e heróico, feito de mocidade, de sonho e de bravura, é absoluto. As hipérboles não sofriam controle, eram audaciosas, espontâneas, violentas. Vieira de Castro comparou o êxodo a tudo que de grande se fêz na história da Humanidade, tinha perdido



o senso das proporções, mas por isso mesmo fazia vibrar os companheiros em unísono com as suas palavras. Ninguém teria mais coragem de falar depois d'ele, senão Antero. E elle surgiu, com a sua barba loira e os seus olhos azuis, serenos e penetrantes, com a cabeleira ainda coberta de pó da caminhada, com o seu ar de apóstolo que logo ás primeiras frases se transforma no agitador. Antero pretende ampliar o significado do acontecimento, dizendo ao povo do Pôrto que o gesto da Academia não era uma brincadeira de rapazes, mas sim o protesto consciente de homens livres. O teatro parece que vai abaixo. O estudante Boavida propõe que a Academia vá no outro dia ouvir uma missa por alma de D. Pedro IV.

A manifestação académica transforma-se num acontecimento político. Antero vibra de satisfação, o seu golpe tinha frutificado, os seus companheiros começavam a compreender que a juventude não é simplesmente inconsequente e boémia, sôbre os seus ombros pesam outras responsabilidades. Mas a-pesar-de todo o entusiasmo do primeiro dia, a Academia não pode manter por muito tempo a sua attitude heróica e patética. É que no seu seio não existiam sòmente Anteros e Vieiras de Castros. Os conselhos dos papás começam a chegar, alguns chegam a impôr as suas ordens, obrigando os filhos a regressar, outros, mais brandos, mais tolerantes ou mais compreensivos, mostram-lhes a conveniência da volta a Coimbra; o dinheiro também começa a faltar. Lentamente a fogueira vai arrefecendo. E Antero é obrigado a retirar. É um golpe que o fere profundamente, mas que aceita como um ferimento de bataiha. Elle não

gostava de ser vencido e muito menos pelo Senhor Duque de Loulé.

Vieira de Castro é expulso. Antero não se conforma, protesta e a Academia solidariza-se com o gesto do poeta, que continuava a ser o seu «leader», que através de tôdas as vicissitudes mantinha sempre a mesma coragem e a mesma dignidade. Vieira de Castro acaba por voltar à Universidade. A autoridade já tinha demonstrado a sua fôrça e agora não se diminuía com aquêlê gesto de calculada tolerância, que tendia sobretudo a evitar que os estudantes se tornassem a manifestar ruidosamente.

Antero de Quental passa alguns meses de quietude, sofrendo no recolhimento do seu quarto de estudante o sabor amargo da derrota, que o fazia experimentar as primeiras desilusões da sua vida de homem de acção. A sua formatura aproxima-se, e Antero dedica-se às sebatas com mais afinco, animado pelo desejo de se ver livre delas e pela expectativa de começar vida nova. Sonha com novos horizontes e com novas aventuras, e não com a chamada vida prática que poderia iniciar depois de ter nas mãos a carta de bacharel em direito. Não architecta triunfos pessoais, não pensa em lucros, em comodidades, em cargos, mas sim simplesmente em continuar a sua acção numa órbita mais larga, em lançar-se numa propaganda mais ampla e mais produtiva. As sebatas e os actos não conseguem, portanto, dominá-lo completamente; de noite êle surge no Penêdo da Saüdade e no Choupal recitando versos aos seus camaradas; aparece nas tertúlias, combativo e eloqüente, pontificando, sem querer, influenciando com a sua simples



presença insinuante e digna. Durante êsse tempo escreve alguns dos seus mais belos sonetos :

Sonho que sou um cavaleiro andante  
Por deserto, por soes, por noite escura  
Paladino do amor, busco, anelante  
O palácio encantado da Ventura.

Mas já desmaio, exaustos e vacilante  
Quebrada a espada já, rôta a armadura  
Eis que subito o avisto, fulgurante  
Na sua pompa e aérea formosura !

Com grandes golpes bato a porta e brado,  
Eu sou o vagabundo, o deserdado...  
Abri-vos, portas d'ouro, ante meus ais !

Abrem-se as portas d'ouro, com fragor  
Mas dentro encontro só, cheio de dor,  
Silêncio e escuridão — e nada mais.

Ninguém escreveu melhor, em tôda a literatura portuguesa. Só o Camões o ultrapassa nos seus melhores momentos. Aos 22 anos atinge a maturidade formal própria dos verdadeiros artistas, mas atinge também a têmpera de lutador que não desiste, que não descura, que não recua, que não se atraiçoa nunca, mesmo quando as contingências do momento apontam a traição como único caminho. O seu idealismo vai-se tornando optimista e corajoso, embora a sua dúvida teológica não se tenha dissipado e continue, como uma chaga oculta, a roê-lo por dentro. A sua acção académica nunca chegou

para o encher quer como homem, quer como intelectual, quer como revolucionário. Como homem e como intelectual, vivia ainda, como de resto vivem sempre, na luta entre o passado que enchia a sua consciência e o futuro que lhe anunciavam a sua ânsia de libertação e a sua cultura. Como revolucionário, que já então era em máximo de sinceridade e de entusiasmo, êle aspirava a estender a sua acção ao país inteiro, a organizar e a fazer eclodir a revolução, não uma revolução que fôsse uma mudança de rótulos mais ou menos pomposos, mas uma revolução que transformasse as bases estruturais da nação e que a aproximasse do Mundo e do Século.

O seu socialismo idealista recebeu-o êle por via cultural. Tudo o que existia na vida social do país era um século atrasado em relação ao que se passava na Europa, sobretudo na França, na Alemanha e na Inglaterra, onde já se desenhavam com tôda a nitidez as contradições do capitalismo industrial. Na França os pensadores socialistas pensavam sôbre a realidade social do seu país. Antero pensava sôbre o pensamento socialista francês, sobretudo sôbre Proudhon. Os seus complexos de consciência, a agudeza mórbida do seu caso subjectivo, complicado pela sua educação tradicional e católica que, a-pesar-de vencida, resistia, mergulhavam-no na metafísica sedutora do século XIX.

A sua vida académica tinha sido fecunda e agitada; nada aprendeu na Universidade através dos lentes e das sebatas; foi mesmo um mau aluno, os mestres nunca reconheceram nêle, por impotência e por impossibilidade, uma das mais lúcidas inteligências que nasceram em Portugal. Mas em opposição aprendeu imenso com a vida,



com o entusiasmo dos companheiros, com os livros que chegavam da Europa, com a revolução que andava no ar e que parecia entrar por todos os sentidos, pela razão e pelo coração dos estudantes. Tornou-se o «leader» académico por direito próprio e, se os lentes nunca deram por êle, os seus companheiros admiravam-no até quasi á idolatria. Muitos dos seus camaradas de Coimbra lhe ficaram desde então amarrados para sempre: Eça de Queiroz desde que o ouviu nas escadas da Sé Nova; Germano Meireles através de um convívio de irmão; Alberto Sampaio, Azevedo Castelo Branco e o próprio Filomeno da Câmara, o Hércules da Academia, o «Filomeno das forças», que encontrou em Antero a agilidade física necessária para o dominar. Mas o seu prestígio não se limitava a um grupo ou uma tertúlia, Antero tinha a aura e o esplendor de um chefe. Aquêles que não o conheciam, a não ser através do seu perfil já lendário — nada mais propício a criar lendas e fantasias do que a mocidade — seguiam-no. A todos se tinha imposto pelo seu verbo, pela sua coragem, pela sua dignidade, até pela sua figura física, apostólica e cativante. Muitas vezes ouvia um veterano ou um aluno mais velho elucidar um caloiro, quando passava:

— Olha, aquêle é que é o Antero!

E o novato ficava a olhá-lo e admirá-lo.

Antero nunca se aproveitou dêsse prestígio pessoal a não ser nos momentos de agitação, nunca se serviu dêle, nunca o usou como arma sua, como trampolim, como degrau. Antes procurou sempre evitar que êsse prestígio fizesse mal aos outros, que os cegasse. Êle era individualista, por formação intelectual e por consciência,

mas afectivamente era, realmente, já, um socialista. Antero sentia profundamente com a cabeça, com o coração, com os nervos, com a sensibilidade, o Século XIX. Sentia-o e pensava-o na aridez do seu isolamento peninsular, olhando a Europa do lado de cá dos Pirineus como quem olha uma fera enjaulada, dominado pelo desejo de a trazer para Portugal, que ia apodrecendo de amolecimento, afundando-se cada vez mais no seu próprio pântano.



ÊSTE VOLUME FOI COMPOSTO NA  
SOCIEDADE DE PAPELARIA, L.DA,  
RUA DA BOAVISTA, 321 — PORTO,  
PARA A LIVRARIA LATINA EDITORA.  
ACABOU DE IMPRIMIR-SE  
AOS 25 DE JANEIRO DE 1943  
E É O NÚMERO 5 DOS  
CADERNOS AZUIS

CHESA LOMBARDO





# O 1.º ANO DE ACTIVIDADE EDITORIAL DA LIVRARIA LATINA EDITORA

RUA DE SANTA CATARINA, 2 A 10 - PORTO

<b>Escolas Filosóficas</b> , de Henrique Perdigão	{ Br. . . . .	30\$00
	{ Enc. . . . .	45\$00
<b>Álgebra</b> , do Eng.º Pires de Carvalho . . . . .		12\$50
<b>Trigonometria</b> , do mesmo autor . . . . .		8\$00
<b>Cadernos de Geografia</b> , dos Prof. Dario Mota e Carlos Varão . . . . .		4\$50
<b>Cadernos de História</b> , dos mesmos autores . . . . .		3\$50
<b>Penumbra</b> , de Matias Lima . . . . .		10\$00
<b>Tripeiros da Gema</b> , de Mário Portocarrero Casimiro . . . . .		15\$00
<b>Crítica. I</b> , de João Gaspar Simões . . . . .		20\$00
<b>O Penitente</b> (Camilo Castelo Branco), de Teixeira de Pascoaes . . . . .		15\$00
Tiragem especial, num. e rubricada pelo autor		40\$00
<b>O Meu Romance</b> , de Carlos Sombrio . . . . .		12\$50
<b>João Fané, banquista</b> (romance marítimo), de Raimundo Esteves . . . . .		12\$50
<small>Estes dois romances foram premiados no Concurso Literário da LATINA, com cinco contos cada um.</small>		
<b>Os Contos de António Botto</b> . . . . .		25\$00
<small>2.º volume das Obras Completas do autor, em que está incluído o «Livro das Crianças», aprovado oficialmente nas Escolas da Irlanda e pelo Eminentíssimo Cardinal Patriarca de Lisboa.</small>		
<b>Coração — o Ditador</b> , de Emília de Sousa Costa . . . . .		10\$00
<b>Aventuras Maravilhosas dum Príncipe e outros contos</b> . 1.º vol. da Colecção PINÓQUIO da Biblioteca Infantil LATINA, dirigida e compilada por Henrique Marques Júnior. . . . .		5\$00
<b>Fábulas</b> (Colecção) de Laura Chaves, com ilustrações de Vasco Lopes de Mendonça. 1.º vol. . . . .		10\$00

---

## Dicionário Univ. de Literatura, de Henrique Perdigão

Enc. em capa 1 (inteira percalina) . . . . .	160\$00
» » » 2 (percalina e lombada de pele) . . . . .	170\$00
» » » 3 (inteira pele) . . . . .	200\$00